

FELIPE FERNÁNDEZ-ARMESTO

1492

O ano em que o mundo começou

Tradução

Luiz A. de Araújo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Felipe Fernández-Armesto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

1492: The Year Our World Began

Capa

Atol Estúdio

Mapa de capa

Martin Waldseemüller, *Orbis Typus Universalis iuxta Hydrographorum Traditionem*, 1513

Preparação

Cláudia Cantarin

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernández-Armesto, Felipe

1492 : o ano em que o mundo começou / Felipe Fernández-Armesto ; tradução Luiz A. de Araújo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: 1492: The Year Our World Began.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2860-0

1. Civilização moderna – História 2. Igreja e Estado – História
3. História moderna I. Título.

16-00139

CDD-909

Índices para catálogo sistemático:

1. Civilização : História 909
2. História do mundo 909

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

1. “Este mundo é pequeno”	7
<i>Profecia e realidade em 1492</i>	
2. “Para consagrar a Espanha a serviço de Deus...”	38
<i>A extinção do islã na Europa Ocidental</i>	
3. “Vejo cavaleiros se aproximando”	68
<i>O esforço do islã na África</i>	
4. “Nenhuma visão tão deplorável”	106
<i>O mundo mediterrâneo e a redistribuição dos sefardis</i>	
5. “Será que Deus está zangado conosco?”	139
<i>Cultura e conflito na Itália</i>	
6. Rumo à “Terra das Trevas”	176
<i>A Rússia e os limites orientais da cristandade</i>	
7. “Aquele mar de sangue”	210
<i>Colombo e a conexão transatlântica</i>	

8. “Entre os salgueiros que cantam”	244
<i>A China, o Japão e a Coreia</i>	
9. “Os mares de leite e manteiga”	286
<i>O contorno do oceano Índico</i>	
10. “O quarto mundo”	324
<i>As sociedades indígenas do Atlântico e do continente americano</i>	
Epílogo	368
O mundo em que vivemos	
 <i>Notas</i>	 381
<i>Créditos das imagens</i>	394
<i>Índice remissivo</i>	396

1. “Este mundo é pequeno”

Profecia e realidade em 1492

17 de junho: Martin Behaim trabalha na construção de um globo terrestre em Nuremberg

Em 1491, apareceu em Roma um profeta maltrapilho esgrimindo uma cruz de madeira como sua possessão mais valiosa. A multidão abarrotava as praças para ouvi-lo anunciar que o ano seguinte seria de lágrimas e atribulações e que depois surgiria um “Papa Angelical” para salvar a Igreja, afastando-a do poder terreno e obrigando-a a abraçar a força da oração.¹

A previsão não podia ter sido mais equivocada. Em 1492, houve um conclave, mas o papa eleito foi um dos mais corruptos dentre os que conspurcaram a Santa Sé. O poder terreno continuou desprezando as prioridades espirituais, embora houvesse se iniciado um confronto feroz entre os dois âmbitos naquele mesmo ano. Longe de ingressar em uma nova era, a Igreja seguiu alimentando e frustrando as esperanças de uma reforma. Em todo caso, os acontecimentos que o profeta não soube prever foram muito mais transcendentais do que aqueles que chegou a anunciar. O



Os humanistas do fim do século XV achavam Nuremberg “tão importante quanto Atenas ou Roma”. Com isso concordavam os ilustradores do “panorama mundial”, lá publicado em 1493 “a expensas dos cidadãos ricos”.

ano de 1492 não só transformou a cristandade, como reordenou o mundo no seu conjunto.

Até então, o mundo se dividia em culturas isoladas e ecossistemas divergentes. A divergência se iniciara cerca de 150 milhões de anos antes com a fratura da Pangeia, uma grande massa continental única que se alçava sobre a superfície dos oceanos. Depois se formaram os continentes e começou a deriva continental. Ilhas e continentes separaram-se mais e mais. Em cada lugar, a evolução tomou um rumo diferenciado. Cada continente desenvolveu uma fauna e uma flora peculiares. As formas de vida se distinguiram de um modo ainda mais espetacular que os povos, cuja diversidade cultural se multiplicou e cuja aparência e conduta divergiam tanto que, quando eles voltaram a entrar em contato, de início enfrentaram dificuldades para se re-

conhecer como membros da mesma espécie ou integrantes de uma cultura moral comum.

Em 1492, essa pauta milenar se inverteu com extraordinária brusquidão. A longuíssima história de divergência chegou praticamente ao fim, e a história do planeta conheceu uma nova era de convergência. O mundo começou a ver os limites de uma revolução ecológica cujos intercâmbios, desde então, apagaram os efeitos mais visíveis de 150 milhões de anos de divergência evolutiva. Hoje, em todos os cantos do planeta que apresentam zonas climáticas semelhantes ocorrem formas de vida idênticas, colhem-se os mesmos cultivos, prosperam as mesmas espécies, competem e colaboram as mesmas criaturas e à custa delas vivem os mesmos microrganismos.

Enquanto isso, entre povos outrora separados, a retomada do contato entrelaçou o mundo de tal modo que quase todos os habitantes da terra passaram a formar uma rede única de contato, comunicação, contágio e intercâmbio cultural. As migrações transoceânicas misturaram e espalharam as populações humanas pelo planeta, ao passo que os intercâmbios ecológicos transplantavam formas de vidas diferentes. A divergência interna da nossa espécie havia se prolongado pela maior parte dos 100 mil anos anteriores, desde que os nossos antepassados abandonaram seu lugar de origem na África Oriental. À medida que se adaptavam a novos ambientes nos territórios recém-colonizados do planeta, os grupos foram se desvinculando e chegaram até a perder a capacidade de se reconhecer como congêneres da mesma espécie unidos pelo sentido de pertencimento à humanidade. As culturas que criaram foram se diferenciando cada vez mais. Proliferaram línguas, religiões, costumes e modos de vida diversos, e, embora tenha havido um longo período anterior a 1492 em que as divergências se solaparam e em que contatos foram realizados, só então foi possível reunificar os vínculos em escala mundial.

Como as rotas marítimas dependiam dos ventos e das correntes marinhas, antes que Colombo descobrisse o funcionamento do sistema no Atlântico, os ventos do planeta eram um código que ninguém conseguia decifrar. Os alísios procedentes do nordeste, utilizados por Colombo para atravessar o Atlântico, sopram quase até onde a corrente do Brasil arrasta as embarcações para o sul, de encontro aos ventos do oeste do Atlântico Sul, e algo semelhante acontece em toda a Terra. Uma vez descoberto esse padrão pelos navegantes, a exploração dos oceanos tornou-se um processo irreversível, ainda que naturalmente lento, prolongado e interrompido por muitas frustrações. Atualmente, isso está quase concluído. De vez em quando, aparecem nas zonas mais recônditas do Amazonas pessoas “que nunca tiveram contato com os outros”, refugiadas, talvez, da convergência cultural; mas o processo de confluência parece quase terminado. Vivemos em “um só mundo”. Reconhecemos todos os povos como integrantes de uma comunidade moral única de escala planetária. O frade dominicano Bartolomeu de Las Casas (1484-1566) — que, aliás, foi executor testamentário de Colombo — percebeu a unidade da humanidade graças à sua experiência com os povos indígenas de uma ilha do Caribe conquistada por Colombo. Las Casas é o autor de uma frase que acabou se tornando uma das tautologias mais célebres do mundo: “Todas as nações do mundo são humanas” e compartilham os mesmos direitos e liberdades.²

Já que boa parte do mundo que habitamos teve início então, 1492 parece uma opção evidente (e, por assombroso que seja, muito negligenciada) para que um historiador reconstrua a história mundial de um só ano. O que mais se costuma associar a essa data é o descobrimento da rota da América por Colombo, evento transcendental e inigualável que transformou o planeta. Pôs o Velho Mundo em contato com o Novo e reuniu civilizações antes cindidas ao fazer do Atlântico uma via em vez de uma barreira. Possi-

bilitou que a história fosse verdadeiramente universal — um autêntico “sistema mundial” —, em que os fatos ocorridos num lugar ecoam na totalidade de um planeta interconectado e em que as consequências dos pensamentos e das operações atravessam os oceanos como a atividade suscitada pelo bater de asas de uma borboleta. Iniciou o imperialismo europeu em grande escala, que se estendeu com o objetivo de remodelar o mundo. Incorporou o continente americano ao Ocidente para multiplicar os recursos da civilização ocidental e eclipsar economias e impérios asiáticos hegemônicos havia milhares de anos.

Ao abrir o continente americano para a evangelização e as migrações europeias, os acontecimentos de 1492 redesenharam um mapa mundial de religiões radicalmente diferente e alteraram a distribuição e o equilíbrio entre as civilizações. A cristandade, que antes parecia minúscula em comparação à envergadura do islã, começou a escalar posições até quase alcançar a paridade; houve inclusive períodos de superioridade numérica e territorial. Antes de 1492, parecia inconcebível que o Ocidente (um punhado de territórios situados no extremo mais pobre da Eurásia) chegasse a competir com a China ou a Índia. O afã de Colombo de encontrar rotas que levassem àqueles confins era um sinal da atração que exerciam e de como os europeus se sentiam inferiores quando os imaginavam ou liam sobre eles. Mas, quando os ocidentais acharam uma via de acesso privilegiada ao Novo Mundo, as perspectivas mudaram. Até então, a iniciativa — a capacidade de alguns grupos humanos de influenciar outros — se concentrava na Ásia. Dali por diante, usurpadores de outros confins puderam se apropriar dela. Naquele mesmo ano, acontecimentos independentes no extremo mais oriental da cristandade, no qual a profecia da iminência do fim do mundo causava ainda mais furor, alçaram a Rússia à categoria de grande império e potência hegemônica.

Colombo monopolizou de tal modo os livros dedicados a 1492 (os quais ou tratavam dele, ou nele se concentravam) que o mundo ao seu redor, que tornava inteligíveis as consequências da sua viagem, acabou ficando invisível para os leitores. Os mundos que Colombo pôs em contato; as civilizações que procurou e não conseguiu encontrar; os lugares em que nunca pensou, como as plagas remotas da África ou da Rússia; as culturas do continente americano que nem chegou a imaginar — todos eles eram regiões sujeitas a mudanças e dinamismo em 1492. Algumas delas foram efetivas, ou seja, provocaram transformações que tiveram continuidade e nos ajudaram a dar forma ao mundo que habitamos no presente. Outras foram mudanças de longo prazo das quais nosso mundo resultou.

Este livro é uma tentativa de reunir todas essas mudanças e explorá-las a partir de uma visão geral, como teria feito um viajante que na época percorresse o mundo de 1492, se isso fosse possível: ziguezagueando pela faixa densamente povoada de civilizações produtivas que se estendiam por todo o planeta desde os confins orientais da Ásia, atravessando o oceano Índico até chegar ao leste da África e ao que hoje conhecemos como Oriente Próximo e, de lá, transpondo a massa continental eurasiática até a Rússia e o mundo mediterrâneo. Uma vez ali, cruzando o Atlântico, faltaria muito pouco para que ele tivesse acesso às civilizações da Mesoamérica e da região andina. Só um viajante imaginário poderia circundar o mundo naquele tempo. Mas os navegantes de carne e osso completaram rotas até abarcar o globo, e, na medida do possível, os leitores os acompanharão a partir do próximo capítulo, saindo da Granada de janeiro de 1492. De lá, seguindo um aventureiro muçulmano, atravessaremos o deserto do Saara até Gao, situada na África Ocidental, e com os exploradores portugueses visitaremos o reino dos congos; para depois retornar e explorar o Mediterrâneo com os refugiados judeus expulsos da Es-

panha; faremos uma parada em Roma e em Florença a fim de presenciar o Renascimento e conhecer seus peregrinos, pregadores e sábios ambulantes. Vararemos o Atlântico na companhia de Colombo e o oceano Índico na de outro mercador italiano. As escalas posteriores da nossa viagem seletiva pelo mundo abrangerão a fronteira oriental da cristandade e os mundos que Colombo tentou alcançar na China e quase abraçou na América.

O que me impele a empreender essa viagem imaginária é o anseio de contemplar o mundo pouco antes do seu fim. Em 1492 e nos anos imediatamente anteriores, as expectativas de destruição e renovação tinham se apoderado dos profetas e sábios da Europa. O vidente de Roma de que falamos no começo, cujo nome não se tem registro, foi um dos muitos em atividade na Europa daquele tempo e pregava para uma congregação ávida por sensacionalismo. No mundo, nunca faltam pessimistas atormentados por um ânimo de decadência nem otimistas empolgados com um futuro esplendoroso. Ambos sobejavam no fim do século xv. No entanto, em 1492, predominavam os otimistas, pelo menos na Europa Ocidental. Difundiam-se dois tipos de otimismo: um, em termos muito genéricos, de inspiração religiosa, e outro de orientação secular.

Desde o século xii, no Ocidente, o otimismo religioso proliferava nos segmentos sujeitos à influência das profecias do abade místico siciliano Joaquim de Fiore, que concebeu um novo método de adivinhação baseado numa interpretação muito imaginativa da Bíblia. Ele usava passagens de todos os livros da Escritura, mas havia dois textos particularmente poderosos e atraentes: a parábola que os autores do Evangelho puseram na boca de Cristo como um dos seus últimos ensinamentos aos discípulos e a visão do fim do mundo com a qual se encerra a Bíblia. Um material contundente e espantoso. Cristo pressagiava guerras e rumores de guerra, terremotos, fome, “o princípio das dores [...]”. O irmão en-



As gravuras de Dürer sobre o Apocalipse são exemplos espetaculares de um tema recorrente na década de 1490: o fim do mundo.

tregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer [...]. Quando virdes a abominação da desolação [...]. Pois naqueles dias haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais”. Restava o consolo de que, quando o Sol escurecesse, a Lua negasse sua claridade, as estrelas caíssem do céu, então “verão o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória”.³ O iluminado do Apocalipse acrescentava outras atrocidades: granizo e fogo misturados com sangue, mares coalhados de sangue ou amargura, pragas de gafanhotos gigantes, escorpiões do tamanho de um cavalo e a terra co-



O entusiasmo com que os ilustradores da Crônica de Nuremberg adaptaram os desenhos de Dürer da Dança da morte evoca as expectativas apocalípticas.

berta de chamas e escuridão, tudo isso derramado pelas sete “taças de ouro cheias do furor de Deus”.⁴ Os profetas que vislumbravam semelhante catástrofe conseguiam manter, em todo caso, um olhar de alegria macabra ao qual se incorporava certo gozo diante do sofrimento alheio, pois as tribulações só seriam eternas para os malvados. E também certo alívio, pois as catástrofes eram “sinais” e presságios da purificação do mundo.

Quem já discutiu com um fundamentalista nos dias de hoje sabe que nos textos religiosos qualquer um pode ler a mensagem que quiser, mas as pessoas se mostram tão ávidas por conselhos das Sagradas Escrituras que o seu espírito crítico parece ser deixado de lado quando as leem ou quando escutam a interpretação

delas feita por outros. Nos excertos escolhidos por Joaquim de Fiore, detectava-se um plano da providência para o passado e o futuro do cosmo, que se dividia em três idades. Após uma Idade do Pai, em que Deus se revelava apenas de forma parcial, a sua encarnação inaugurava a Idade do Filho. Na sequência, uma batalha cósmica entre Cristo e o Anticristo, o bem e o mal, daria início à Idade do Espírito, que precederia o fim do mundo, a fusão do céu com a terra e a nova imersão dos tempos na eternidade. Os leitores de Joaquim perscrutavam o mundo em busca dos sinais que ele agourava. O “Pastor Angelical” purificaria a Igreja e restabeleceria as virtudes da época dos apóstolos. Um “Último Imperador” conquistaria Jerusalém, unificaria o mundo e defenderia Cristo contra as forças do mal. Uma erupção de evangelização propagaria o cristianismo em partes do mundo às quais a afoiteza de outrora não tinha logrado chegar.

A mensagem de Joaquim apaixonou leitores e ouvintes de todas as esferas da vida, mas ninguém mais que os membros da nova ordem monástica fundada por Francisco de Assis no século XIII. Francisco de Assis parecia encarnar algumas profecias de Joaquim. Tanto ele como seus discípulos imitavam a vida supostamente levada por Cristo e os apóstolos. Não tinham bens, repartiam tudo e viviam de esmola. Propagandistas iluminados, evangelizavam os pobres, enfrentavam os pagãos e, como no caso do próprio Francisco de Assis, pregavam até para os corvos quando ninguém lhes queria dar ouvidos. Os franciscanos irradiavam o espírito de renovação do mundo. Quando Francisco de Assis sucumbiu ao que entendeu como o chamado de Deus, arrancou as vestes na praça da sua cidade natal para mostrar que renunciava à riqueza e se entregava inteiramente a Deus — mas esse também foi o sinal de alguém que renascia. Suas regras de pobreza e piedade eram difíceis de ser observadas, porém, depois de sua morte, manteve-se entre os frades

uma corrente que insistia na fidelidade ao seu espírito. Esses franciscanos “espirituais”, que nos séculos XIV e XV se afastaram cada vez mais do corpo principal da ordem, tinham consciência dos paralelismos existentes entre a vida de Francisco de Assis e as profecias de Joaquim e se empenharam cada vez mais em iniciar a Idade do Espírito.

Enquanto isso, os joaquinistas procuravam no mundo todo um candidato a “Último Imperador”. No século XIII, a Sicília natal de Joaquim foi incorporada aos domínios dos governantes da Catalunha e aos territórios adjacentes do leste da Espanha conhecidos como Coroa de Aragão. Talvez por esse motivo, os candidatos ao papel de Último Imperador geralmente provinham de Aragão. Na opinião de alguns dos seus cortesãos, Fernando de Aragão, coroado em 1479, era uma alternativa promissora, sobretudo porque, pelo casamento, já era rei de Castela, o reino vizinho a oeste, além de ostentar o título tradicional de “Rei de Jerusalém”. O seu programa de conquista da década de 1480 contra os infiéis do reino de Granada e os pagãos das ilhas Canárias parecia invocar implicitamente a imagem de um monarca inteiramente dedicado à evangelização e à unificação.

Em parte, o fervor milenarista da cristandade era uma reação à recente e vigente expansão do islã e às vitórias dos turcos. De Constantinopla e Granada, as pontas do crescente assomavam ominosamente para penetrar a Europa Central e a Espanha, respectivamente. Os conselheiros reais aragoneses, criados no temor aos turcos, esperavam que a união das coroas de Castela e Aragão lhes proporcionasse a força necessária para a batalha. Os castelhanos concordaram. “E assim, com a união destes dois centros”, declarou um cronista castelhano, “Nosso Senhor Jesus Cristo se vingou dos seus inimigos e destruiu o vingador e matador.”⁵ Colombo prometeu ao rei que os lucros da empresa transatlântica por ele proposta cobririam a despesa de arrebatador Jerusalém

aos governantes muçulmanos da Terra Santa, assim cumprindo as profecias e acelerando o fim do mundo.

Fernando não era o único soberano a apelar para uma linguagem messiânica e a se propor antecipar-se ao clímax iminente da história. Manuel I, o Venturoso, rei de Portugal, também acreditava nos adutores que garantiam ser ele o escolhido para reconquistar Jerusalém e inaugurar a derradeira fase do mundo. Como veremos adiante, Carlos VIII da França tinha o mesmo conceito de si e o utilizou para justificar a invasão da Itália empreendida em 1494. Atualmente, acredita-se que Henrique VII, que se apoderou do trono da Inglaterra em 1485, depois de um levante que foi a culminância de uma longa série de disputas dinásticas, era um rei prático e quase enfadonhamente sério. Mas também era filho das profecias, pois se vangloriava de que, tendo ancestrais “britânicos”, estava predestinado a devolver o reino à linhagem dos seus antigos fundadores, cumprindo os presságios atribuídos a Merlim ou a uma “voz angelical” ditada ao ouvido de um antigo profeta galês. Na Rússia, o consenso estabelecido pela ortodoxia garantia que 1492 seria o último ano do mundo.

Mesmo os pensadores seculares, imunes ao fervor religioso, eram suscetíveis à profecia. A admiração pela Roma antiga e a Grécia clássica constituía uma das tendências mais poderosas da cultura comum da elite ocidental, e os antigos viviam fascinados pelos oráculos, os agouros, as conjecturas e os presságios. Assim como os joaquinistas sondavam profecias nas Escrituras, os humanistas as procuravam nos textos clássicos. O vaticínio virgiliano da chegada de uma Idade de Ouro fornecia uma espécie de alternativa secular à Idade do Espírito. Para Virgílio, não se tratava propriamente de uma profecia, e sim de mera adulação para agradar o seu mecenas, Augusto, o primeiro imperador romano, concebida para exaltar sua fama, associando-a aos deuses. Mas os leitores de Virgílio acreditavam que a Idade de Ouro era iminente. Segundo Marsílio Ficini-

no, o gênio mais destacado entre os platônicos de Florença, ela começaria em 1492. Como bom clássico que era, tinha em mente uma profecia da Roma antiga: que, no devido tempo, a “Idade de Ouro” se renovaria — tratava-se da era em que Saturno governava os céus com harmonia e a paz prevalecia na Terra, que precedia a supremacia de Júpiter entre os deuses. Ajudava-os a astrologia, na qual Ficino e muitos membros do seu círculo eram especialistas. Em 1484, uma conjunção de planetas sob o signo de Saturno e Júpiter inflamou a expectativa numa grande mutação no mundo. Os astrólogos da Alemanha previram vinte anos de distúrbios seguidos de uma profunda reforma da Igreja e do Estado.

Naturalmente, a rivalidade entre as técnicas proféticas gerava profecias rivais. Na década de 1480, algumas expectativas giravam em torno do Último Imperador do Mundo, da alvorada da Idade de Ouro ou do cataclismo e da reforma. No mundo cristão, quase ninguém que formulasse um presságio esperava que o mundo continuasse a ser como se apresentara até então.

Embora se equivocassem na maioria dos pormenores, os profetas que vaticinaram mudanças acertaram. Os acontecimentos de 1492 dariam uma contribuição decisiva para a transformação do planeta (não só na esfera do humano, como também no conjunto do ambiente em que se inscreve a vida humana), mais profunda e duradoura que a de qualquer ano anterior. Por ser global, o relato de como ocorreu apresenta muitos pontos de partida. Mas, se começarmos na cidade de Nuremberg, no sul da Alemanha, obteremos um ângulo de visão privilegiado, do qual se pode contemplar o mundo num relance.

No transcorrer de 1492, tomou forma em Nuremberg o objeto mais assombroso que nos restou daquele ano: o globo terrestre mais antigo do mundo. A esfera de madeira laqueada e montada

numa armação de latão, livre para girar à vontade, refletia continentes e ilhas pintados em tons pardacentos e avermelhados. Os mares transluziam o que, na época, há de ter sido um pigmento azul-escuro muito caro, com exceção do mar Vermelho, que apresentava uma vistosa cor magenta também valiosíssima. Boxes pequenos e apergaminhados salpicavam a superfície abarrotada de textos minúsculos, nos quais o cartógrafo explicava seus métodos e fingia ter um conhecimento esotérico. Não era o primeiro globo terrestre da história. Tampouco chegava a ser, nem mesmo na época, uma tentativa particularmente bem-sucedida de plasmar uma cartografia realista. A extensão da África estava distorcida; o cartógrafo situou desordenadamente no seu litoral alguns cabos que os exploradores haviam medido com certa precisão, inventou o nome de muitos lugares, aliás, inexplorados até então, e incluiu afirmações evidentemente falsas de que tinha vislumbrado com os próprios olhos grande parte do litoral africano.

Apesar dos erros e falsificações, o globo era um registro precioso da imagem do mundo na época e um elemento essencial daquilo que tornava o ano em curso tão especial — a razão por que 1492 é o melhor ano a partir do qual podemos datar a origem do mundo atual e da era que chamamos de “modernidade”. O globo terrestre fazia o mundo parecer pequeno: em 1566, em carta de agradecimento pelo globo terrestre que o tio lhe dera de presente, um sobrinho de São Francisco Borja escreveu que só depois de tê-lo em mãos foi que percebeu como o mundo era pequeno. Tal como Colombo, que baseou a sua teoria de que o Atlântico era estreito e navegável na convicção de que, como ele mesmo disse, “Este mundo é pequeno”,⁶ Martin Behaim subestimou a envergadura do planeta. Mas vaticinou uma das consequências dos processos desencadeados em 1492: o mundo tinha diminuído em sentido metafórico, pois a partir de então seria acessível e imaginável em sua totalidade.

O globo terrestre de Behaim foi pelo menos uma tentativa de inovar — ambição curiosamente ausente na obra dos cartógrafos muçulmanos da época. Talvez por serem herdeiros de um rico legado medieval, os sábios do mundo islâmico se davam por satisfeitos com a cartografia existente e só se interessaram em voltar a mapear o mundo quando os avanços ocidentais os obrigaram a se atualizar. Os muçulmanos conheciam bem havia alguns séculos um dos textos clássicos consagrados pelos europeus como uma novidade no século xv: a *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu, o sábio alexandrino do século ii. Apesar disso, parece que nenhum dos seus cartógrafos cogitou a possibilidade de usá-lo para melhorar a representação do mundo antes de 1469, quando chegou a Constantinopla um mapa italiano baseado na informação proporcionada por Ptolomeu. Em 1513, um cartógrafo otomano elaborou um mapa-múndi em estilo ocidental copiado de protótipos do Ocidente e baseado em dados das viagens de Colombo, aparentemente colhidos no mar por navios de guerra turcos. Depois de um longo período de supremacia em todas as ciências, o mundo islâmico ficou subitamente atrasado na cartografia.

Os geógrafos muçulmanos se contentavam em reciclar imagens antigas do mundo elaboradas pelos grandes pioneiros da cartografia dos séculos x e xi. A única inovação apresentada nesse intervalo de cinco centúrias foi a tentativa de sobrepor uma quadrícula de linhas de longitude e latitude (técnica já proposta por Ptolomeu) sobre informação obsoleta. Em termos gerais, os muçulmanos da década de 1490 dispunham de dois tipos de mapa: um mais formal, sem a menor pretensão de realismo, e outro de estilo mais livre e pelo menos concebido para ser realista. A primeira modalidade era conhecida por muitos leitores graças aos trabalhos de Ibn al-Wardi, morto em 1457, cujo compêndio de curiosidades geográficas, *The Unbored Pearl of Wonders and the Precious Gem of Marvels* [A pérola imaculada dos prodígios e

a preciosa joia das curiosidades], foi copiado em inúmeras ocasiões. Segundo a sua versão do mundo, a Arábia é minúscula, mas aparece perfeitamente centrada, bem encaixada entre o oceano Índico e o mar Vermelho, como um parafuso na braçadeira de uma bancada. A África se estende para o leste, quase até os limites do ecúmeno. Afundadas no leste africano, as lendárias montanhas da Lua, dois triângulos dourados idênticos, parecem derrear o Nilo através de todo o continente. Em frente à foz desse rio imenso, o Bósforo se prolonga até o extremo setentrional do mundo para separar a Europa da Ásia. Os mapas informais que costumavam aparecer nas obras do século xv derivavam dos trabalhos de um dos cartógrafos mais refinados da Idade Média — o mestre siciliano do século xii al-Idrisi. Via de regra, também situavam a Arábia no centro da composição, porém lhe davam uma forma mais verossímil e mostravam que o Nilo nascia nas montanhas da Lua, situadas do outro lado do equador.

Se a cartografia muçulmana dificultava muito a representação do mundo de 1492, as fontes chinesas de que dispomos ajudam menos ainda. Na China, houve tentativas de cartografar o mundo já nos séculos xiii e xiv. Entretanto, não se preservou nenhuma que ultrapasse a mera representação esquemática do cosmo — um círculo representando o céu, um retângulo representando a terra —, concebida para evocar o antigo provérbio chinês segundo o qual o céu é arredondado e a terra tem bordas cortantes. Para ter uma ideia do aspecto do mundo conforme a cartografia chinesa, o melhor mapa a que se pode recorrer é coreano. Elaborado em 1402, o *Kangnido* foi muito copiado não só na Coreia, como no Japão e no arquipélago das Ryukyu. Resta um exemplar datado de 1470. Num dos fragmentos do elogio que o acompanha, o principal mecenas, o sábio confucionista Kwon Kun, conta que viu “com satisfação” o mapa tomar forma e indica a sua finalidade (informar e engrandecer o governo), assim como o processo ado-